**A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROJETO TRILHAS/NATURA**

**Iure Coutre Gurgel¹-UERN**

**RESUMO**

A leitura literária é uma ferramenta que se faz necessária em sala de aula, tendo em vista a necessidade para a formação de alunos leitores**.** Buscamos neste trabalho relatar uma experiência desenvolvida em uma sala dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública localizada no município de Janduís/RN, por meio do acervo literário do Projeto Trilhas da Natura. O referencial teórico que estrutura o nosso trabalho, ancora-se nas ideias de: Brasil (1997), Rangel (2005), Zilberman (2003), dentre outros que discutem a temática. A metodologia que norteia a nossa pesquisa é de abordagem qualitativa, por meio de uma pesquisa bibliográfica e de observações desenvolvidas em sala de aula para enriquecer este trabalho. Os resultados evidenciam que os materiais disponibilizados pelo projeto Trilhas/Natura vem justamente para enriquecer o trabalho docente bem como contribuir com a formação de alunos leitores e produtores de textos.

**Palavras-chave**: Leitura literária. Formação de leitores. Projeto Trilhas.

**CONHECENDO O PROJETO TRILHAS/NATURA**

É um projeto voltado à formação de professores que tem como objetivo apoiar os docentes no trabalho com alfabetização. É um conjunto de material elaborado para instrumentalizar e apoiar o trabalho docente no campo da leitura, escrita e oralidade, com o objetivo de inserir as crianças do 1ºano do Ensino Fundamental em um universo letrado. O material será distribuído em escolas públicas e contará com o apoio de uma Rede de Ancoragem Nacional que auxiliará sua implementação, incentivando seu bom uso por meio de um processo de formação continuada

O Projeto está alinhado com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

¹ Professor da rede básica de ensino no estado do Rio Grande do Norte.

(Decreto número 6.094, de 24 de abril de 2007, artigo 2, inciso II), que estabelece, entre outros objetivos, a alfabetização de todas as crianças até, no máximo, 8 anos de idade e o incentivo à leitura na sala de aula.

Por meio de seu conjunto de materiais, o TRILHAS propõe um contexto favorável ao processo de alfabetização e, consequentemente, para o alcance da meta de 6,0 pontos estabelecida para o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) para 2022.O Projeto TRILHAS compartilha as mesmas metas e maneiras de atuação com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que são:

* Eixo de trabalho voltado para a formação continuada, presencial e a distância, com foco na alfabetização.
* Distribuição de materiais de apoio articulados ao Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e complementação de jogos pedagógicos.
* Uso de portais virtuais como apoio para o desenvolvimento das ações.

Assim, o referido projeto tem auxiliado por meio dos materiais disponibilizados o desenvolvimento de um trabalho de alfabetização focado no letramento, e assim, propiciando ao educando/educador o contato com uma literatura de excelência, com livros recomendados pelo FNLL e oficinas significativas onde os alunos são protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

**LITERATURA NA SALA DE AULA:**

Por muito tempo, a escola insistiu no trabalho com a leitura de forma mecânica e sem sentido, na maioria das vezes tanto para o aluno como para o professor. Desenvolvia-se um trabalho cujo texto não apresentava sentido algum para o leitor e na maioria das vezes, a criança que não fosse alfabetizada não “saberia” ler textos, sendo realizado um trabalho focado em letras, sílabas e famílias silábicas.

A leitura escolar, de modo geral, centrada na leitura de textos dos livros didáticos, fragmentados e estereotipados, imprime uma leitura mecanizada, passiva, indicativa de amortecimento de um posicionamento crítico por parte do leitor. Desta maneira, não há apropriação, apreensão das ideias, mas um trabalho intelectual alienado de trechos que concretizam permanências e não transformações de representações que o leitor possa ter. (RANGEL, 2005, p. 31)

O desenvolvimento intelectual de cada leitor está ligado a sua consciência, onde cada um absorve para si aquilo que achar mais conveniente. O importante é que se tenha a consciência de que tudo que é captado através da leitura fará bem para o intelectual, bem como para o racional, o emocional e o social de cada um.

Para Zilberman (2003), porém, diferentemente da alfabetização, que tende a ampliar-se cada vez mais, a leitura de Literatura tem-se tornado rara no ambiente escolar se comparada a outros projetos desenvolvidos na escola, talvez por ser diluída em meio a vários tipos de discursos ou de textos, ou porque tem sido substituída por compilações e resumos. Para tanto, é necessário que haja o letramento literário: “empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura,tendo dela a experiência literária” (ZILBERMAN, 2003, p. 258). Dessa forma, a experiência literária se daria com o contato efetivo com o texto, assim, o prazer da estética não é entendido como algo que distraia o leitor, mas como conhecimento, fruição, participação e como uma experiência entre o leitor e o objeto de leitura (VILELA, 2005).

**LEITURA NA ESCOLA: Que leitores estamos formando?**

A leitura é uma atividade que está presente nos mais diversos locais, com as mais diversas possibilidades de realização. Assim, reconhecemos que a prática de leitura é algo que deve se fazer presente cotidianamente na vida do educando, haja visto, as contribuições para sua formação bio-psico-social. A esse respeito,

(...] a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significação. Assim, o texto não resulta da soma de frases, nem da soma de interlocutores: o(s) sentido(s) de um texto resulta(m) de uma situação discursiva, margem de enunciados efetivamente realizados. (ORLANDI, 1996, p. 193-194).

Assim sendo, reconhecemos que a leitura propicia uma interação direta entre o leitor/texto, aproximando-os e contribuindo para a formação de leitores autônomos e críticos. Através dos livros as crianças podem descobrir um universo repleto de aventuras e encontrar diversos outros mundos dentro da sua realidade. Quanto mais a leitura for prazerosa mais aprendizado pode-se tirar dela. Quando se lê com prazer o intelecto absorve mais informações que serão armazenadas em sua mente, tornando, assim, o ato de pensar ainda mais rico e consistente.

Promover o incentivo a leitura desde cedo, contribui para que a criança possa ter contato com a diversidade textual, além de desenvolver a imaginação, viajar por lugares desconhecidos e fantasiar momentos únicos na formação leitora.

Cada leitura é uma nova escritura de um texto. O ato de criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seja o autor, mas o leitor [...] ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e nesse trabalho que ele se constrói leitor. Suas leituras prévias, suas histórias como leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho constitui como leitor e assim sucessivamente (SILVA, 2007, p. 42-46)

Conforme elucida Silva (2007) é por meio do contato com a leitura, através das produções pessoais de significados atribuídos ao texto lido que o educando vai se tornando leitor, e dessa forma, acreditamos que o professor tem um papel primordial mediante este processo. Ao educador cabe, buscar desenvolver um trabalho dialógico e enriquecedor através da diversidade textual e incentivar o aluno a ler por diferentes propósitos.

É por meio do contato com a leitura e o desenvolvimento da oralidade que o aluno vai autoavaliando o que leu, opinando, tendo a oportunidade de atribuir novos significados ao que foi lido, e assim, desenvolvendo seu processo pessoal de interpretação do texto que está lendo. Corroboramos com Kleiman, quando evidencia:

[.....] criar uma atitude de experiência prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, [...] é ensinar a criança a se autoavaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a múltipla fonte de conhecimentos-linguísticas, discursivas, enciclopédicas-para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global. (KLEIMAN, 1989, p.151-152)

Assim sendo, nos questionamos: Qual é o papel da escola para a formação de leitores? De que maneira a escola pode desenvolver estratégias que contribuam para a formação de leitores autônomos e proficientes? Inicialmente, nos fundamentamos nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Portuguesa, para responder a estas indagações. O referido documento, pontua:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, consequentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (BRASIL, 1997, p.40).

Observamos ser essencial o trabalho com diferentes propósitos com a leitura em sala de aula, como aponta os PCNs, pois para que a escola possa formar esse leitor/escritor competente, torna-se necessário o desenvolvimento contínuo e planejado com as práticas de leitura em sala de aula.

Qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados. E sendo a educação, especialmente a educação escolar, uma atividade sistemática, uma organização da situação de aprendizagem, ela necessita evidentemente de planejamento muito sério. Não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível. Schimitz (2000,p.101)

Através da leitura o aluno tem condições de ultrapassar as experiências superficiais, ainda, ele descobre a essência de tudo “Ocorre o reflexo do mundo externo no interno, ou seja, a interação do homem com a realidade, pensamento e língua criados” (VIGOTSKY, 1998). Assim, por meio da leitura desenvolve-se o pensamento verbal, o intelectual, o raciocínio e forma-se a consciência da própria estrutura psicológica do indivíduo. Assim sendo, a escola exerce uma função ímpar neste processo:

Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo, mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. (ALVES, 2000, p.61)

Ao desenvolver este processo em sala de aula, será preciso que a instituição de ensino tenham consciência da importância que a leitura trará para o desenvolvimento sociocultural das crianças e adolescentes. sabendo que a leitura deve ser um hábito, também deve ser para o os alunos fonte de prazer e lazer, é interagir com o seu meio, fazendo uso da mesma ,segundo os PCNS:

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. (BRASIL, 1997, p.41 e 42).

Formar alunos apaixonados pela leitura é buscar caminhos que os deixem felizes lendo por prazer, com autonomia e motivados a seguirem caminho rumo a leitura de diferentes gêneros. Assim, é preciso a escola dá inicialmente, a liberdade ao aluno de ler por prazer, o que gosta, e a partir dessa confiabilidade entre leitor/textos buscar alternativas que ampliem este repertório. Nesse sentido, concordamos com Maria ao discutir que:

[...] nenhum leitor nasce lendo Fernando Pessoa ou Guimarães Rosa. Até porque é preciso maturidade de leitor para apreciar os mestres. Prefiro ver um adolescente lendo, feliz, Harry Potter do que vê-lo sendo obrigado, pela escola, a ler um romance qualquer de Machado de Assis, por conta de ser seu centenário, e odiando, por tabela, qualquer leitura. (MARIA, 2009, p. 159)

Então, percebemos que a escola, mais do que a influência educacional dos pais, tem o principal papel de incentivo à leitura na fase escolar do aluno. Em qualquer processo educativo há um início, desta forma, não se começa com o complexo, mas sim com o que é inteligível para os alunos daquele nível escolar; é claro que, com um sistema de ensino mal estruturado e com alunos advindos de instituições diversas é dificultoso encontrar uma sala de aula homogênea, composta por alunos com o mesmo nível de leitura, para isso, é preciso contar com a percepção do educador para identificar o que poderá, ou não, ser trabalhado em determinada sala de aula.

Outra questão que merece reflexão é o papel do educador no processo de formação do aluno leitor. O professor é também um protagonista nessa tarefa, pois precisa ser visto como um modelo de leitor, como um sujeito ativo e atraente pela leitura em sala de aula, para que dessa forma, possa motivar e atrair os educandos. Ainda, corroboramos com Maria, quando enfatiza:

[...] é necessário que o professor seja um leitor [...], um bom leitor. Que tenha uma rica bagagem de leitura. E aqui reside um dos grandes problemas da educação no país, acho que certamente o maior dos problemas: boa parte dos professores que saem das faculdades, formados nos cursos de letras ou pedagogia, ostenta um diploma de licenciatura, mas infelizmente não são leitores. [...] Enquanto os alunos-futuros- professores não construírem suas histórias de leitor, enquanto não enraizarem em suas vidas a leitura como prática emancipatória, a leitura como espaço de conhecimento e experiência, enquanto não se tornarem leitores autônomos, leitores plenos, pouca condição terão de formar leitores em suas salas de aula. Formar leitores deve ser prioridade, porque é uma questão estratégica para o desenvolvimento de um povo. (MARIA, 2009, p. 160-161)

**O TRABALHO COM O ACEERVO LITERÁRIO DO PROJETO TRILHAS/NATURA**

O Projeto TRILHAS destaca em seus cadernos de estudos que ler é brincar com os sons, com as rimas e com as palavras. Ações significativas geradas quando nos deliciamos com a leitura de contos, canções, parlendas e poemas. A proposta envolve o ato de ler e de pensar sobre a escrita, um objetivo que, segundo Rojo (2009), abarca, além de competências motoras, cognitivas e sociais, procedimentos que guiam estratégias de leitura.

Ressaltamos que os referidos materiais surgem para potencializar o trabalho pedagógico do professor e apontar as concepções ligadas à alfabetização como linguagem, cuja apropriação deve incluir no cotidiano das crianças “textos reais para alunos reais que necessitam conhecer e se apropriar desses instrumentos produzidos por nossa sociedade para conhecer e dar sentido ao mundo” (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 17).

Os materiais que foram trabalhados em sala de aula consistem em uma coletânea de livros com diferentes gêneros textuais, cujo propósito é de aproximar a criança com diferentes gêneros por meio de sequências didáticas e de outros materiais como jogos sob mediação do professor para a realização de intervenções por parte do professor para ajudar o aluno a avançar em seu processo de aquisição da escrita.

Destacamos ainda que o acervo literário tem como propósito propiciar aos educandos momentos prazerosos de leitura, para se deleitarem numa variedade de qualidade de gêneros e assim, tornarem-se leitores proficientes e, a sala de aula, passa a ser um espaço de excelência, capaz de possibilitar o contato do educando com o livro. A esse respeito Zilberman (2003, p. 16) descreve que:

... a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. A literatura tem sua importância no âmbito escolar devido ao fornecimento de condições que propicia à criança em formação. Essa literatura é um fenômeno de criatividade, aprendizagem e prazer, que representa o mundo e a vida através das palavras. Sabe-se que a literatura é um processo de continuo prazer, que ajuda na formação de um ser pensante, autônomo, sensível e crítico que, ao entrar nesse processo prazeroso, se delicia com histórias e textos diversos, contribuindo assim para a construção do conhecimento e suscitando o imaginário. Hoje se percebe também que quando bem utilizado no ambiente escolar, o livro de literatura pode contribuir ainda para o desenvolvimento pessoal, intelectual, conduzindo a criança ao mundo da escrita. Dessa forma, a literatura infantil tem sua importância na escola e torna-se indispensável por conter todos os aspectos aqui levantados, sendo de grande valor por proporcionar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em sua amplitude.

Conforme postula Zilberman (2003) a sala de aula precisa ser este espaço atrativo e que permita o encantamento do aluno com a leitura literária através do acesso em diferentes suportes. Assim, o educador precisa planejar situações diversificadas em que a prática de leitura se faça presente cotidianamente.

Percebemos por meio das observações que o educador trabalha de forma contextualizada com as obras do Projeto Trilhas, através de oficinas, contação de histórias e o reconto por parte do aluno. Vimos que diariamente na sala há o leitor do dia, onde cada criança ler em sala um livro e apresenta aos colegas e, outra atividade permanente na sala observada foi a leitura em voz alta pelo professor através tanto dos livros do trilhas como dos livros literários do PNAIC. Em relação a esse aspecto, Antunes (2009, p. 195) ressalta que

a leitura é uma espécie de porta de entrada; isto é, é uma via de acesso à palavra que se tornou pública e, assim, representa a oportunidade de sair do domínio do privado e de ultrapassar o mundo da interação face a face. É uma experiência de partilhamento, uma experiência de encontro com a alteridade, onde, paradoxalmente, se dá a legítima afirmação do eu.

Assim, acreditamos que as experiências vivenciadas através dos materiais do Projeto trilhas nos ajudou a refletirmos acerca de como a escola pode desenvolver estratégias que viabilizem a formação de alunos leitores.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura na escola tem ganhado espaço relevante no sentido de permitir aos educandos o contato com os diferentes gêneros textuais, para que dessa forma se possa formar alunos leitores. A leitura literária permite uma viagem fascinante ao educando ao mundo maravilhoso da imaginação, o que contribui para que este, amplie seu vocabulário e assim, possa se deleitar no universo literário.

O Projeto Trilhas surge justamente no momento em que a escola precisa (re) pensar o seu trabalho com a formação de leitores e buscar trabalhar a leitura de forma viva e dinâmica, aproximando o aluno da fantasia e imaginação. Assim sendo, estimular uma criança a ingressar no universo leitor e gostar de ler é uma tarefa que requer mais que proporcionar contato com os livros. É importante, por exemplo, que um leitor mais experiente faça a mediação. Ou seja, que desfrute da leitura e explore o livro ao máximo.

As crianças têm a oportunidade de se aproximar de realidades similares às suas e diferentes daquelas que vivem no dia a dia quando é dada a possibilidade de ter contato com livros. Elas são estimuladas também a experimentar sentimentos e outras vivências, além de acessar novos conhecimentos. Ao “entrar” na história, podem ser convidadas a pensar, comentar e dar suas próprias explicações sobre o tempo, os personagens e as relações entre eles, as questões gráficas e as ilustrações, as palavras usadas e a sonoridade da língua. (Trilhas, 2015)

Enrtão, por meio do contato com os materiais do Projeto Trilhas e das experiências vivenciadas na sala de aula, lócus de nossa pesquisa, constatamos um trabalho dinâmico e permanente com a leitura literária, aproximando os educandos de um mundo que, para alguns por condições financeiras e desvalorização cultural, não tem o acesso a leitura, o que inviabilizaria o seu processo de formação de leitor. E nesse contexto, a escola busca justamente trabalhar com práticas literárias que contribuem para a formação integral da criança e assim, a torna um ser pensante e reflexivo.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1.ª a 4.ª série– Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.v.1.

BRASIL. **Caderno de apresentação**. Trilhas. v. 2, São Paulo: Ministério da Educação, 2011a.

BRASIL**. Caderno de jogos.** Trilhas. v. 4, São Paulo: Ministério da Educação, 2011b. BRASIL. **Caderno de estudos Trilhas para escrever textos**. Trilhas. v. 1, São Paulo: Ministério da Educação, 2011c.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 26.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GALVÃO, A.; LEAL, T. F. **Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as).** In: MORAIS, A. G. de; ALBUQUERQUE, E. B. C. de.; LEAL, T. F . Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-27

JOLIBERT, J. **Formando Crianças Leitoras.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KLEIMAN, Ângela B. **Leitura, ensino e pesquisa.** Campinas: Pontes, 1989.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor –que diferença faz?** São Paulo: Globo, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**. As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1996.

SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da Didática.**7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora. Unisinos, 2000. (p. 101 a 110).

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente.** 6. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. São Paulo: Global, 2003.